

NÃO SEI QUANTO É SETENTA VEZES SETE

José Nascimento

Bebo quase diariamente, senão fico nervoso. Às vezes, bebo tanto que a pressão sobe e passo mal. Dias depois, me arrasto de novo à procura de algum bar para repetir a bobagem, como se expor minha miséria de homem fosse um dever. Passei dez anos sem beber. Vivia para a família. A demissão, o desgosto por ter o carro tomado pelo banco e o relacionamento de Natália, minha filha, com um homem casado me fizeram retornar ao álcool. Não consigo perdoar Natália. É mais forte do que eu. Não sou santo, não é isso. Mas não consigo. Por outro lado, reconheço que exagerei ontem no bar de Juarez, um amigo de infância.

Além de Juarez, um sujeito desconhecido bebia comigo e me ouvia com certa atenção. Eu me sentia tonto e não conseguia mais beber, apesar de manter dicção razoável, uma das coisas que a bebida não me rouba. “Foi expulsa de casa por mim mês passado... não merece mais ser chamada de filha. O único fruto que tivemos. Bem-educada. Não tenho culpa. Juarez, uma infelicidade... sacudi suas roupas fora. Não tem mais pai... a vizinhança nos incomoda com zombaria. Virgínia anda mais triste do que eu, acredita? Chora por mim, chora pela filha.”

Creio que os demais beberrões não me davam ouvidos. Afinal, era só mais uma conversa de bêbado que não sabia beber. Juarez retirou a garrafa vazia. “Roupa suja se lava em casa.” Com dificuldade, me movi para fora do bar. “É verdade, Juarez. É meu defeito, começo a falar e não paro mais.”

Não acerto sempre o caminho de volta para casa e uma calçada, um banco, qualquer canto meio abandonado à noite me serve de colchão. Me conformaria em dormir na rua. No entanto, a minha esposa costuma me procurar nos bares quando passa das onze e me encontrou na metade do percurso. “Juarez não deveria abrir o bar e você não pára de beber.” Pedi uma pequena pausa para vomitar. “Virgínia... não brigue comigo. Não aguento mais ficar confinado o tempo inteiro. E nunca saio sem máscara. Não se preocupe.” Mesmo muito irritada, ela me ajudou a caminhar e tentou disfarçar como pôde minha embriaguez. Por sorte, não vimos nenhum vizinho. “Precisa entender de uma vez que o correto é permanecer em casa.”

Virgínia esquentou comida para mim. Eu não quis. Comer iria me fazer vomitar mais. Dormi até o início da tarde de hoje. Ela encontrou uma garrafa de bebida escondida na bagunça do guarda-roupa e me acordou. “Você quer beber até morrer?” Ainda atordoado, fiquei calado por um momento, pensando em uma resposta. Ela não entende. Se tenho uma boa bebida diante de mim, esqueço o mundo parado, a contagem de doentes e problemas mais particulares. Em casa, é impossível. Virgínia não me deixa beber em paz. “Não me lembrava da garrafa. Juro. Por favor, não seja dura. Não me lembrava.” Eu a olhava e a achava tão bonita e tinha vontade de lhe dar um beijo, mas não sabia como. Sem me olhar, esvaziou o conhaque na pia. “Natália quer voltar a morar aqui. Não acha que já é hora? O que aconteceu, aconteceu. Ela é nossa filha.”

Fingi não ouvir. Me perguntava onde esconder as próximas garrafas.